

Assembleia com Pe. Julián Carrón São Paulo, 31 de março de 2019

Bracco. Estamos aqui em São Paulo com mais 17 cidades conectadas pela Internet para este encontro com Julián Carrón. Eu estava pensando: quando eu era colegial, o domingo à tarde era o momento mais triste da semana, e agora vejo como me sinto agora e como o Movimento mudou os momentos da semana. Uma vez o Julián disse que, para nós, o Movimento é como quando Jesus ia com os apóstolos para Cafarnaum, depois ia para a casa de Maria, e cada proposta era uma surpresa. O Movimento é assim para nós: se nós temos essa abertura, não há mais tarde de domingo chata. Todo momento pode ser uma possibilidade daquela surpresa que era estar com Cristo, com os apóstolos.

Então hoje quer ser uma possibilidade de diálogo com Julián. Chegaram várias contribuições do Brasil todo. Escolhemos algumas que exemplificam ou resumem um pouco as questões que surgiram. Vamos começar.

Colocação. De uma forma bem simples, eu quero contar a experiência que eu tenho feito nestes últimos tempos. Eu já estou há 3 anos num trabalho que vive um momento bastante complicado, de realidade bastante difícil em termos de perspectiva de continuidade. E junto com isso também tenho uma realidade financeira muito complicada, porque hoje eu ganho abaixo do que minha família precisa para sobreviver. A empresa passa por dificuldade, com frequência atrasa salários e tudo o mais. Para mim, uma questão que me marcou bastante é que no início eu tinha um pouco de repulsa dessa realidade. Ela era, para mim, contraditória, um enorme incômodo. Então eu tinha muita dificuldade para acordar e ir trabalhar no dia seguinte. E ao mesmo tempo, quando chegava em casa, sentia a pressão das contas que chegavam e tinha que, de alguma forma, tentar responder a tudo. Isso foi tornando esse processo insuportável para mim, no tempo, porque é uma pressão grande. E eu me percebi, ali também, com uma posição que não era justa, quase um enfrentamento, por conta dessa dificuldade de aderir ao que estava acontecendo.

Então, num dado momento, eu me perguntei: onde é que a experiência do Movimento me ajuda a enfrentar esse problema? O que tem a ver este caminho que estou fazendo no Movimento há tanto tempo com esse momento de extrema dificuldade que estou passando? Foi este meu ponto de partida.

A partir dessas perguntas que surgiram, eu me percebi de novo olhando para o que estava acontecendo e não reagindo mais. Nasceu em mim uma necessidade de responder a essas perguntas. Nasceu uma necessidade de que a realidade fosse diferente. Diferente daquilo que eu imaginava: eu entendi que eu tinha que aderir, abraçar aquela história que estava acontecendo, e também desafiar a realidade. O que significa desafiar a realidade? Se são verdadeiras as coisas que dizemos aqui, Ele tem que responder, isso tem que se realizar. Então eu me lembro de dizer: “Se o Senhor incide, eu tenho que Te encontrar, eu tenho que Te experimentar, eu tenho que sentir o Teu perfume, não pode ser esse sofrimento que está sendo”.

Percebi que, depois disso, as coisas começaram a mudar. Eu comecei a fazer Escola de Comunidade, por exemplo, como alguém que necessitava, como um necessitado mesmo, alguém que precisava de uma resposta. Houve um salto de qualidade em termos de estar nas coisas que eu fazia, de modo que eu sempre buscava, na Escola de Comunidade, uma resposta para as coisas que estava experimentando. E vi que as coisas deixaram de ser óbvias para mim, deixaram de ser automáticas, deixaram de ser reativas. E me percebi cada vez mais dentro da realidade. E quanto mais eu me lançava nas coisas que aconteciam – do meu trabalho, em casa, onde eu estava inserido – mais eu me percebia dono daquelas coisas que aconteciam, mais eu me percebia inteiro, mais eu me percebia. Antes eu não me percebia. Antes eu percebia alguém que estava reagindo, e passei a me perceber mais como protagonista dessas coisas.

E aí aconteceram coisas muito impressionantes. Quando eu entrei na empresa onde trabalho, meu chefe debochava das pessoas que tinham algum tipo de crença, desdenhava, e definia a si

mesmo como judeu-ateu. No entanto, nós construímos um relacionamento neste tempo, e a construção da minha humanidade foi para ele também a possibilidade de identificar uma coisa a mais na realidade que ele não conhecia. O trabalho que fizemos na empresa foi o de tentar torná-la viável para ser vendida, e agora chegamos a esse finalmente. Em dezembro, terminamos todo esse processo de reestruturação, reorganização da empresa – fizemos um trabalho bacana, bonito mesmo – e encontramos alguém que queria comprá-la, mas eu ficaria fora do processo. Isso para mim foi muito doloroso, porque eu ajudei a construir aquele brinquedo, eu ajudei a construir aquele foguete; no momento mais legal, vamos dizer assim, eu não poderia usufruir dele. Então para mim isso também foi um baque. E eu lembro até que quem recebeu essa notícia foi esse meu chefe e ele veio me contar. Foi dia 19 de dezembro. Ele veio me contar: “Olha, a gente teve uma reunião, você não participou dessa reunião e a gente acordou que você não continua no projeto”. Eu falei: “Ok, tudo bem, mas o que é que você disse?” Ele disse: “Nada, eu não disse nada, porque fiquei com medo de perder”... Eu fiquei com muita raiva, eu fiquei muito bravo com ele, fiquei muito decepcionado. Decepcionado também por conta dessa história que a gente desenvolveu junto. Mas eu tinha já dentro de mim uma certeza, uma certeza que me permitia estar diante daquela coisa de um jeito que não era mais isso que me determinava, não eram essas circunstâncias adversas que me determinavam. Tem aquela questão de pressão: como é que vou pagar minhas contas? Porque nesse momento, tenho 5 filhas, tem a história de “mas e amanhã, como vai ser?”. Mas o que prevalecia nesse momento era uma certeza de um relacionamento que eu construí nesse tempo. Então era a certeza de um relacionamento com Alguém que me dava uma satisfação mesmo num ambiente completamente adverso.

E aí aconteceu que eu também aprendi a fazer Escola de Comunidade. Então eu devorava aquelas coisas que aconteciam e estavam ali na Escola de Comunidade. E li sobre quando Dom Giussani contou que pedira a São José que o dicionário Gemoll chegasse: entendi naquele momento que, se é assim para Dom Giussani, é para mim também. Então todas as noites nós rezamos com as meninas, e elas sempre colocam uma intenção, e começamos a pedir a São José um trabalho que pagasse todas as nossas contas. Aliás, há mais uma história, porque com essa situação financeira eu fiquei um ano sem pagar a escola delas, e as dívidas foram se acumulando. O que significa um ano sem pagar a escola? Significa que no ano seguinte eu não poderia rematriculá-las nem poderia fazer transferência de escola. Assim, começamos a pedir todos os dias por um trabalho e para podermos encontrar uma solução para a escola. Eu tentava negociar com as irmãs da escola para podermos conseguir um pouco mais de prazo, porque eu tinha certeza de que, se vendessem a empresa, eu poderia quitar essa dívida. E elas me deram uma notícia: “Não, não aceitamos, não vamos fazer nenhum tipo de negociação”, de modo que fiquei muito triste. Desta forma, fomos à missa no mesmo dia e eu recorri a São José, dizendo: “São José, você entende, você me entende, eu sou um pai de família assim como você é um pai de família. Então eu preciso que você interceda por mim. Não necessariamente para pagar a escola, mas que você me mostre um caminho, pois para mim ficou evidente que eu não dou conta”. Como eu tinha uma semana para resolver tudo, disse: “São José, é até sexta-feira, tá?” Na quinta-feira, a irmã da escola me liga e diz: “Olha, há uma pessoa aqui na escola – que não é do Movimento –, que é amiga nossa quer quitar o pagamento para vocês”. Na quinta-feira a pessoa... pense só! É tão evidente que Deus responde, Ele responde!

Outra história que aconteceu foi que, na sexta-feira passada, ocorreu a entrega do relatório final da auditoria, para consolidar a venda da empresa. Nessa semana que passou eu estava com muito mau humor. Eu estava muito chato, brigando com minha esposa. Num dia eu lhe disse: “Vamos comigo, por favor, à missa, vamos juntos à missa porque eu não posso continuar com essa postura”. E aí, na missa, o padre dizia que não sabemos pedir, que pedimos errado, pedimos pedra e Ele dá pão. Então fiquei pensando justamente que eu tinha que pedir. E estávamos brigados: fui comungar para cá, ela foi comungar para lá, e eu olhei para cima: São José de novo. Eu estava na frente de um São José e disse: “São José, me dá uma posição, porque essa semana vai ser definida a questão do trabalho”. E a missa terminou, fomos para o carro, e eu já estava diferente, já estava mais tranquilo. É como se alguém, algo de fora viesse e recolocasse tudo no lugar. Dez minutos depois – parece piada –, eu recebo uma mensagem dizendo: “Quero conversar com você hoje”.

Então fiz uma entrevista naquele dia, alguns dias depois fiz outra entrevista e fui contratado e começo na semana que vem.

Em resumo, o que eu quero dizer com isso? O que me comove nessa história? Não é resolver os meus problemas, não é a questão de resolver: é identificar, concretamente, que Jesus se propõe, que Ele propõe um relacionamento comigo. A experiência que eu fiz é a daquele cego que foi curado e volta para dizer: “Eu quero continuar um relacionamento com você”.

Carrón. Boa tarde a todos! Qual a coisa que mais lhe chama a atenção de todo esse percurso que você fez? O que você aprendeu? Em que sua pessoa cresceu? Uma coisa.

Colocação. Dar um juízo.

Carrón. Mas isso você fez em muitas ocasiões. Você foi desafiado uma vez atrás da outra. E o que aprendeu de tudo isso?

Colocação. Responder a esse desafio.

Carrón. Dom Giussani sempre citava um texto: “Por que se preocupar se é tão fácil obedecer?” (P. Claudel, *O anúncio a Maria*, Ed. Agir, 1968). É como se vivendo todo esse caminho você tivesse aprendido a confiar. Porque cada vez mais a história se complicava e, portanto, o desafio crescia. Você poderia ter quebrado a corrente e dito: “Chega! Já confiei bastante, não quero mais brincar. Fiz de tudo: pedi, não me respondeu”. Sempre me lembro de um personagem bíblico no qual isso aparece de modo espetacular: chama-se Naamã, o sírio.¹ Naamã era uma figura importante no reino da Síria que teve lepra. Diante dessa situação, o rei, que estimava muito, estava disposto a fazer de tudo. Na casa do rei havia uma judia, que disse à esposa de Naamã: “Ah, se meu amo se apresentasse ao profeta que mora em Samaria, sem dúvida o livraria de sua lepra!” Normalmente uma pessoa importante nem presta atenção a uma serva, mas, quando está realmente necessitado, escuta qualquer possibilidade, mesmo de quem não escutaria numa situação normal. Então, a imaginação: “A quem ir, em Israel? Ao rei, ao poderoso”. Então ele prepara toda a caravana com todas as riquezas para levar ao rei, para ver se ele o cura. E quando chega ao rei, este se aborrece, porque diz: “Você está me provocando, quer entrar em guerra comigo? Quem eu sou para curá-lo?” Naamã poderia voltar para casa, mas o profeta Eliseu lhe envia um servo e diz: “Que Naamã venha a mim, que eu o curarei”. Um servo! Podia ser quebrada novamente a corrente. Chega à casa de Eliseu e, em vez de Eliseu sair para recebê-lo, porque era uma pessoa importante, ele manda outro servo. E disse ao servo: “Diga a ele que vá se lavar nesse riacho que se chama Jordão, que ele será curado”. Aí Naamã diz: “Agora chega. Agora basta, porque há rios melhores na Síria do que esse riacho do Jordão”. E já arruma as coisas para voltar ao seu país, derrotado. E o servo, que mantém a cabeça no lugar, diz: “Se ele o tivesse mandado ao fim do mundo para buscar uma flor para curá-lo da lepra, você teria ido. Ele manda que você se lave no Jordão e você se irrita?” Ele poderia ter dito: “Basta, não quero mais brincadeira”. Mas quando a vida urge, ele aceita o conselho do último servo. Foi se lavar no Jordão e ficou curado. Ele poderia ter quebrado a confiança em outra pessoa, no plano de outra pessoa, em qualquer momento de todos esses passos, porque o que o Senhor quer não é tanto responder à sua necessidade, mas saber como você responde. Mas que você aprenda a confiar nele. E sem ter sido tão desafiado assim, não poderia ter aprendido a confiar. Por isso, quanto mais nos desafia, mais nos põe à prova. Quantas vezes aconteceu comigo, como com você. “E agora, como será que Ele vai conseguir resolver essa situação, essa confusão em que me meteu? Como será que vai resolver essa situação?” E quantas vezes me encontrei como você, e quando vi como resolveu e o modo absolutamente imprevisto, penso n’Ele me dizendo: “Por que você se preocupou? Sou Eu que cuido disso. Mas se tivesse dito isso a você desde o começo, não teria aprendido a confiar”. Ou seja, é um aprendizado muito humano, porque tem que passar por todos os momentos obscuros de desalento, de preocupação, de raiva, tudo! É muito humano, todos os fatores

¹ 2Rs 5,1-19.

humanos entram no processo. Porque, se não passasse por todos os processos humanos, a nossa certeza não seria humana! E, portanto, não cresceríamos na certeza de que existe Alguém que se preocupa conosco.

Por isso, quanto mais desafiados somos, mais temos que fazer esse trabalho de confiar n'Ele. Porque agora você conta aqui em cinco minutos, mas você sabe melhor do que ninguém – como eu sei como acontece comigo – as noites sem dormir, a preocupação, quando olha para sua mulher, para suas filhas, quando vai trabalhar, quando está em casa... – por quantos meses! Porque a questão não é resolver essa situação, mas nos dar conta de que há Alguém que não nos deixa sozinhos. Porque isso é um trabalho que se pode resolver mais cedo ou tarde. Mas há outro problema que não se pode resolver: a morte. E, se não aprendermos a confiar, imagine quando chegar o problema da morte. Ou quando morre uma pessoa de modo dramático, inesperado. E que toda a razão que você dizia, todas as perguntas que surgem não são suficientes.

Comigo aconteceu esta semana: morreu um amigo meu na Itália; imagine toda a provocação que isso significa. E quanto mais imponente e dramático é o fato, mais a pergunta o provoca, mais você quer compreender o porquê. Portanto, o desafio diante do qual a razão está é desejar compreender sendo, porém, incapaz de responder. E não lhe dá paz, você não a encontra, porque a razão não chega a entender. E ficamos perdidos. Quando você está numa situação assim, não há o que fazer, porque a razão fica como que derrotada. E todo o interesse, toda a sua preocupação para dar uma resposta é insuficiente, não consegue dar uma resposta adequada que o deixe em paz. Porque você pode encontrar um trabalho, mas não consegue recuperar uma pessoa que morre. E o drama chega a seu nível mais alto. Então, de novo a ternura do mistério, a ternura de Cristo por nós toma uma iniciativa que nos desconcerta. Porque na verdade não é explicada, mas preenche nossa vida com uma presença que é a explicação encarnada.

Como quando iam enterrar o filho daquela viúva e aparece Jesus dizendo: “Mulher, não chores” (Lc 7, 13). Que impressionante nessa situação, com todas as preocupações, pensamentos, considerações daquela mulher – que além de tudo era viúva – colocar-se diante dela uma presença que lhe responde e na qual a razão encontra paz. Como diz São Paulo: a resposta à morte não é uma explicação; a única resposta à morte é ver um vivo depois que morreu. Essa é a resposta à morte, tudo o mais são considerações que não respondem à exigência da razão. É um desafio a cada um de nós pensar se existe uma resposta mais importante à morte do que ver vivo um morto que havia sido depositado no sepulcro. Por isso somos mais que vencedores, graças Àquele que nos amou e vimos vivo. E por isso a razão pode encontrar uma resposta infinitamente mais completa do que a que eu poderia imaginar com uma explicação. E isto ninguém pode tirar de nós em nenhuma circunstância, quando perdemos o trabalho, quando passamos por uma dificuldade, quando estamos angustiados, etc. Porque nós O vimos vivo. E sabemos quem nem a morte, nem a vida, nem anjos, nem principados, nem potestades poderão nos separar do amor de Deus que nos foi manifestado na morte e ressurreição de Cristo.

Por isso aprender a confiar assim, num anúncio assim, é a resposta à nossa dificuldade. E por isso o Senhor quer nos treinar a confiar, porque se não confiamos e esperarmos apenas no que nossa razão pode responder ou em nossas energias, estamos perdidos.

Colocação 2. Eu vou contar a vocês como têm sido para mim estes últimos meses. A primeira vez que vivi uma experiência no Movimento foi a Jornada de Outubro do ano passado. Não fazia parte dos meus planos. Eu estava com uma amiga numa tarde de sábado e ela me convidou, disse que tinha certeza de que eu ia gostar. Acho que ela sabia o que estava para acontecer. Eu não tinha ideia. Para mim foi muito comovente o silêncio já no início do encontro. Lembro-me da beleza das pinturas projetadas, da música clássica. Tudo me atraía, especialmente o silêncio. Era como se tudo me preparasse para algo muito especial. O áudio foi longo, a posição começou a ficar desconfortável, mas nada me incomodava a ponto de eu querer sair dali. Eu não sabia explicar o que estava acontecendo, só sabia que estava comovida, feliz, me sentindo compreendida. As coisas que eu ouvia pareciam estar sendo ditas para mim, falavam de mim. Naquele mesmo dia conheci muitas pessoas que realmente queriam saber o que eu tinha achado do encontro, como eu tinha chegado lá.

Queriam me ouvir.

Desde então tudo mudou. Missas, encontros do Movimento, acampamento, Escolas de Comunidade, espaços de companhia de pessoas que me ajudam a julgar a minha experiência, a fazer memória de para quê eu fui feita. Começo um caminho para o batismo.

Às vezes me percebo duvidando da experiência que faço. Pensando se não seria possível que tudo isso acontecesse em outro lugar, e então vivo um encontro maravilhoso de Escola de Comunidade, onde tudo o que ouço me serve; encontro amigas antigas que reconhecem algo em mim que também querem viver, me pedem ajuda para isso; retomo o contato com o meu pai; e assim passo a querer ficar mais perto das pessoas, me interesso mais pelo mundo, quero ficar disponível para tudo. Entendo que sem a companhia que eu vivo eu não teria consciência do que acontece para mim. Este é realmente um “ponto sem retorno da estrada”. O acontecimento de Cristo me transformou completamente. Eu saí num sábado qualquer, disse um “sim” e agora estou aqui. Não posso mais voltar porque não sou mais quem eu era, mas sou mais eu do que nunca pude imaginar ser.

Carrón. E por que lhe chamou a atenção o silêncio? O que lhe chamava a atenção no silêncio? O que implica o silêncio?

Colocação 2. A sensação que eu tinha era de que ele realmente me preparava, me dava espaço para encontrar alguma coisa.

Pe. Carrón. Isso é secundário. Quando você alguma vez fica sem palavras diante de algo, por quê?

Colocação 2. Porque era algo que eu não conseguia explicar, porque era fora de mim, era maior do que eu.

Pe. Carrón. Vou lhe explicar com um exemplo. Uma vez, o Dr. Alexandre estava na Itália e tinha ido com um grupo de brasileiros e moçambicanos a um encontro como o seu, um Dia de Início de Ano. E foram até um lugar de onde se via um monte belíssimo que se chama Monte Branco. Conte você.

Alexandre. Enquanto eu caminhava com o grupo – éramos dez universitários –, eu pensava que ao chegar lá em cima eu ia propor a todos eles ficarem em silêncio para prestarem atenção à beleza da vista. E pensava que ia fazer uma proposta de cantarmos juntos para ajudar nesse momento. Quando nós chegamos lá em cima, para minha surpresa, antes de eu dizer qualquer coisa e pedir que eles ficassem em silêncio, eles estavam pasmos, boquiabertos, em silêncio diante daquela vista. Mas dos dez havia três – eram três portugueses, porque éramos todos de língua portuguesa – mais bagunceiros, que tinham se separado do grupo e estavam mais atrasados, e nós os ouvíamos aproximar-se, fazer bagunça, barulho. Então eu pensei: quando eles chegarem aqui, eu vou propor que eles façam silêncio para verem e se darem conta dessa beleza. Só que, quando eles chegaram, antes que eu dissesse qualquer coisa, eles também ficaram em silêncio e pasmos diante daquela beleza.

Carrón. Desde que você me contou isso, nunca esqueci. Porque o silêncio nasce de algo que o deixa sem palavras, que está fora de você, que é tão imponente a ponto de deixá-lo sem palavras. E por isso é verdade o que você disse, é o que a prepara para estar diante do que está acontecendo. E entendo que isso surpreenda, porque dizemos: o que é que estão esperando, o que estão vendo, que os deixa sem palavras? Porque na maioria das vezes, quando vamos ao estádio, ou a outro lugar, as pessoas falam, falam sem parar. O difícil é encontrar um grande número de pessoas em silêncio. Você disse: eu não sabia o que acontecia. É algo misterioso que estava acontecendo diante dos seus olhos e que a fazia ficar feliz.

Desde aquele dia, por tudo o que você ouviu depois, por esse silêncio que se criou, desde

aquele momento tudo passou a ser diferente e você começou a participar. E às vezes, você disse, vêm dúvidas: em outros lugares isso não poderia acontecer? O fato de você se perguntar faz com que fique atenta a todos os lugares em que pode encontrar uma resposta.

Então este desafio da pergunta a faz descobrir o que acontecia ali e que não pode acontecer em outro lugar. E é belíssimo que o mistério não nos poupe de dúvidas, de perguntas. Às vezes nos assustamos, mas depois de ver algo tão estupendo, tão extraordinário, por que me vem a pergunta ou por que me vem a dúvida? Porque, assim como Ele quis que ele [nosso amigo que falou antes] aprendesse a confiar, quer que você aprenda a raciocinar, a usar a razão em toda a sua intensidade, aprenda a ficar atenta para ver se em outro lugar isso acontece. Porque era como os discípulos que, depois de tê-Lo encontrado, quanto mais pessoas encontravam, mais diziam: mas este não é igual, nunca vimos coisa igual. Que certeza! Não porque fossem pessoas ingênuas – como se diz: é um ingênuo, basta que aconteça isso e você confia como um tolo, como uma criança. Pelo contrário, se você um dia e outro repete essa pergunta, e você volta e não encontra em nenhum lugar, você diz: mas por que não encontro outra coisa como esta? Você se pergunta: quem é Ele? É a mesma pergunta dos apóstolos: “Quem é este, a quem até o mar e as nuvens obedecem?” Quem é Este que deixa todo mundo em silêncio? Mas não um silêncio vazio porque estou entediado, não: é um silêncio cheio de uma presença, como cheio do Monte Branco, que o deixa feliz, que é diferente do silêncio que a maioria das pessoas não suporta e foge, ligando o rádio rapidamente ou recorrendo ao WhatsApp, querendo ver televisão, ligando o rádio no carro... Este é um silêncio vazio. Aquele seu silêncio é um silêncio diferente, é um silêncio cheio de algo diferente, que desafia a sua razão. E para poder reconhecê-lo, Ele lhe dá todas estas perguntas para perceber o que há ali de diferente de tudo o mais. E isso é uma fé humana, o reconhecimento de algo, que não se faz sem implicar toda a razão. É o oposto de ser ingênuo, o oposto do superficial, que se contenta com qualquer tipo de resposta, que afasta as perguntas porque não sabe como responder. Quanto mais você mantiver a pergunta viva, mais certeza sobre a diferença daquilo que você encontrou. Nós cristãos não somos um bando de ingênuos, cretinos, que cremos no que não vemos. Nós cremos pela totalidade da razão. É preciso ser desafiado com todas as perguntas, com todas as dúvidas, para que possamos fazer um gesto de fé finalmente humano. Senão, não seria justo fazê-lo, não seria digno da sua humanidade. Não seria digno de sua dignidade de mulher. Não seria digno da nossa dignidade de homens e mulheres. A questão é que temos que aprender que todo esse processo é a única possibilidade para que a fé seja finalmente humana. E por isso o Senhor não nos poupa, porque se a poupasse não seria humana, seria superficial, e um dia diria que sim, outro dia diria que não, porque muda de humor. Quando sinto, eu O reconheço; quando não sinto, não O reconheço. Você faria isso com a sua mãe? Quando sinto é porque me ama; quando não sinto, não me ama. Pode-se fazer isso com sua mãe? Não. Não podemos fazer isso com nossas mães. Por isso, quando alguém me diz que isso é ingenuidade, eu digo: deixe de lado a Trindade, Nossa Senhora, o Espírito Santo, e me diga se hoje à noite, antes de dormir, você pode dizer que ama a sua mãe. Você pode ir dormir sem dizer que sua mãe a ama? Porque quem viveu uma relação normal com sua mãe não pode ir dormir sem dizer “tenho certeza de que minha mãe me ama”. Porque sua certeza está cheia de toda uma série de fatos que permitiram que sua razão visse. E por isso não pode dar espaço depois, quando muda de humor, dizendo “ela não me ama”. Como quando não sentimos Cristo, dizemos “não O sinto; Ele não me ama”. Há certas coisas que nas relações humanas mais elementares não podemos fazer; e se não podemos fazer isso com nossa mãe, por que vamos fazer com Cristo? Porque o reconhecimento da mãe é formado por se terem atravessado todas as circunstâncias: quando chovia, quando fazia calor, quando você estava triste, quando estava mal, quando tinha fome, quando tinha medo, tudo, passava por tudo e a mãe resistia. E para pôr esse fato em questão, não bastava que mudasse o seu humor. E nós queremos uma fé que não tenha esse percurso? E assim, assim que mudamos de humor e não sentimos, dizemos: “não existe”. E confundimos a fé com sentimentalismo e mudança de humor. Isto não é fé, é uma brincadeira. É simplesmente não ter feito a sério o caminho que nos leva à certeza, como fizemos com nossa mãe.

Por isso, sempre agradeça por lhe virem perguntas, como Olavo, com toda a dificuldade, porque isso nos treina. Então fico agradecido que me venham tantas coisas, que o mistério não me

poupe, para que eu possa vencer qualquer pergunta, qualquer dúvida, qualquer agitação – vencer na realidade, não no meu pensamento, mas na realidade. Porque nestes momentos me lembro sempre de Nossa Senhora: nem Nossa Senhora foi poupada. Porque depois de lhe dar o anúncio, o Anjo foi embora e a deixou sozinha. E imagine quantos pensamentos lhe vieram. Ela era humana como você. Às vezes pintamos Nossa Senhora como se não lhe acontecesse nada. E o mistério não a poupou. E que drama! Naquele momento que somente ela sabia, podia se deixar levar por todas as dúvidas como aconteceu a São José. Mas ela não foi poupada. E isso fez com que crescesse na fé, e fosse capaz de resistir a qualquer coisa depois.

Por isso, quando às vezes o mistério nos deixa nessa situação, é para permitir em nós esse espaço para que entre em nossas entranhas, nas dobras mais íntimas do nosso ser, em nossa humanidade mais profunda, como em sua mãe. É isso que faz com que possamos crescer na fé em cada uma das circunstâncias, em cada um dos desafios que na vida teremos que enfrentar. E por isso, com o tempo nos tornamos gratos de que não nos seja poupado nada desse caminho. Porque o que tivemos que fazer teve como resultado o fato de tornar a fé mais forte. Boa sorte!

Colocação 3. Às vésperas do segundo turno das eleições de 2018, conversei com uma amiga, que estava muito, mas muito mesmo, inconformada com os rumos que as coisas iam tomando. Eu respondi a ela: “Dois candidatos que eu nunca escolhi. Os dois representam valores contrários à minha experiência. A coisa positiva neste momento que vivemos é que está nos forçando – pelo menos para aqueles que se dispõem a isso – a vasculhar e descobrir aquilo que realmente interessa, o que é inegociável para cada um de nós.” Ela me respondeu que só eu mesmo para achar algo positivo naquela situação. Foi de fato um momento muito difícil para uma grande parte da população brasileira, e eu me incluo nisso. Por exemplo, eu nunca tinha chorado no dia da eleição – e nunca pensei que fosse passar por isso – mas, naquela vez, eu não me contive e chorei.

A percepção de que aquele momento era de fato o momento em que os corações iam se revelar (como diz o Evangelho) foi justa. E essa revelação dos corações foi algo muito triste para mim, porque a quantidade de pessoas que cortaram relacionamentos, se indispueram com os amigos que pensavam diferente, se ofenderam mutuamente, foi muito grande. Ou seja, o que estava lá no coração era muito distante da experiência de fé que fazíamos, pois estamos juntos por causa de Cristo, não por causa do Haddad ou do Bolsonaro. Ou não?

Carrón. Vocês se dão conta de que basta o resultado eleitoral para que ele prevaleça sobre a fé, sobre o reconhecimento dos que são chamados a reconhecer a Cristo? É impressionante. Basta que a fé se sinta desafiada pelo resultado eleitoral, para que deixe de contar. Pode ser um estado de ânimo, pode ser o resultado eleitoral, pode ser uma doença, pode ser o trabalho, pode ser qualquer coisa que queiram: só queremos um tipo de resultado que nos poupe da fé, em que não tenhamos que fazer o percurso que um resultado como este nos obriga a fazer. Isto é, que papel têm os cristãos numa situação como a que vocês estão vivendo? Outros nos Estados Unidos, outros na Itália, outros na Espanha, na Rússia, ou os amigos na Venezuela. Entendem por que sem o percurso humano da fé qualquer coisa a derrota? E ainda achamos que temos razão, porque os resultados mostram isso.

Você é a única que enxerga algo positivo. Sim, é positivo, porque ao menos nos damos conta de que temos mais fé no resultado eleitoral do que em Cristo. Isto, sim, é que é positivo, porque nos damos conta de até que ponto nossa fé é frágil. E na melhor das hipóteses isso nos obriga a fazer um caminho de fé. Mas, como tantas vezes esperamos que sejamos poupados do caminho da fé com o resultado eleitoral, quando vemos que isso não acontece nos irritamos.

Um desafio como o que tivemos diante do trabalho, diante da doença, diante de uma situação política, nos é dado justamente para ver onde colocamos a nossa esperança. Não é que um resultado seja igual ao outro, não confundamos: mas que em qualquer situação podemos viver a fé e podemos entregar nossa vida àquilo que vivemos e ao serviço aos outros, como os primeiros cristãos fizeram durante anos, por séculos, quando estavam longe de qualquer relação com o poder; imaginem os séculos no Império Romano. Em nenhum momento da história a fé cristã se difundiu mais como nesse momento.

Por que estamos no mundo? Por que é que recebemos a graça da fé? O que podemos compartilhar com os nossos irmãos, os homens? É um resultado eleitoral como este, que amanhã deixa de ser? De que serve isso para enfrentar a morte, para enfrentar a vida, para enfrentar as dificuldades, para enfrentar a família, para despertar pela manhã? Isto em relação a nós, que recebemos o dom da fé; imaginem como os outros devem estar perdidos. Mas, se o Senhor não nos poupa, deve ser por algum motivo. Obrigado.

Bracco. Julián, queria dar um aviso, mas com uma pergunta, porque daqui a pouco teremos os Exercícios da Fraternidade, do Movimento. Queria lhe perguntar que gesto é esse para você, que proposta este gesto faz para nós? Eu vejo que às vezes, por exemplo, quem está inscrito na Fraternidade chega a fazer a inscrição três dias antes; ou às vezes não considera a importância que esse gesto tem, como dissemos no início.

Carrón. Vocês se interessam por uma aventura como a que vimos esta tarde? Se vocês se interessam pelos Exercícios da Fraternidade, é para isso que servem. Não é porque não temos nada para fazer no fim de semana. Podemos enchê-lo com mil outras coisas, não temos coisa mais interessante do que continuar fazendo este caminho juntos, pois é o único que nos permite enfrentar todas as dificuldades da vida. Quem quiser ir à praia, depois veja se isso serve para enfrentar as dificuldades que tem no dia a dia. E a gente espera essa pessoa ano que vem, depois que compreendeu que a praia não lhe serve para nada.

Bracco. Ok. Melhor aviso não poderia ser! Então queria agradecer a todos que participaram, em particular quero agradecer a Julián por hoje.